



Carlinda Lopes Ferreira trabalha de faxineira nas casas das "madames", mas nem sempre recebe dinheiro pelo seu trabalho



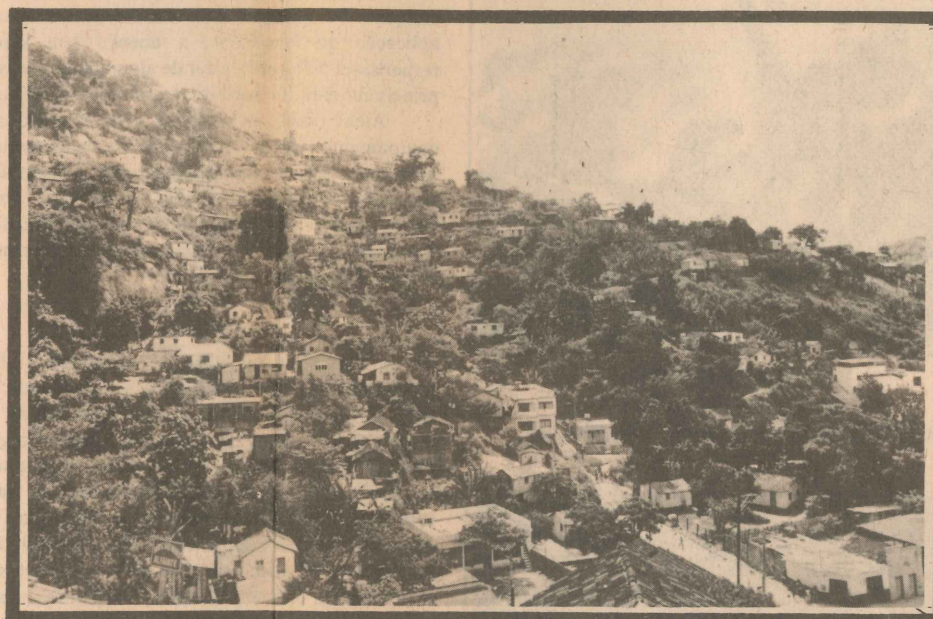
Oswaldina nunca sabe o que vai comer no dia seguinte. Hoje ela está feliz porque conseguiu batata e feijão com a vizinha.



As últimas chuvas arrastaram esse barraco, refeito com tábuas de segunda mão, sem as mínimas condições de segurança.

SÃO BENEDITO

Perfil de miséria e violência



Quem passa pela avenida Leitão da Silva e vê aquela enorme favela subindo o morro já pode bem imaginar que lá existe muita pobreza.

A violência todos conhecem pelas crônicas policiais. Porém, uma visita a São Benedito é algo estupefante, e o relato de seus moradores é uma radiografia do abandono em que pessoas são deixadas, como se fizessem parte de uma outra sociedade, de um outro mundo.

Lá há bandidos e também muitas famílias que sonham com escola para os filhos, emprego e o fim dos tiroteios no morro, problemas que enfrentam conformados, porque acham que é essa a sina de pessoas pobres.

María Alice Lindenbeg

Bem perto do elegante bairro da Praia do Canto fica a favela de São Benedito, um amontoado de barracos e de seres humanos cuja rotina diária é lutar para não morrer e tome.

Subir o morro é inicialmente muito fácil. Há ladeiras íngremes, porém bem calcadas só com o fim da pavimentação é que começa a miséria. — os casebres, os botecos de tábuas, as ruelas, os caminhos estreitos e esburacados, por onde escorrem lixo, fezes e urina. Para quem vem de fora, além da visão desalentadora, o mau cheiro é quase insuportável nos primeiros momentos. Lá não há qualquer tipo de saneamento e, ironicamente, acompanhando esses caminhos tortuosos sobem as redes de energia e água até os mais altos pontos do morro, levando algum conforto a essa população miserável, mas cujas contas, como disseram mais tarde, são tão difíceis de pagar.

hoje eu disse que não precisava, pois eu havia arranjado feijão e umas batatas com a vizinha, e só para nós três isso basta. Eles conseguem também verduras velhas na Ceasa, e eu cozinho só no sal, pois o óleo está muito caro. Carne? Só quando as crianças têm sorte. Deus ajuda e elas conseguem algumas cabeças de peixe na Praia do Suá.

A família está devendo 48 mil cruzeiros na venda onde compra fiado e há ainda as contas de luz e água a pagar. Mesmo assim Oswaldina se diz felizada porque quando bate numa porta há sempre alguém que lhe dá um pão velho: — Deus é uma criatura maravilhosa e sem ele o mundo já teria se acabado. Já frequentei Centro Espírita, Igreja Evangélica e Católica e a única que deu algum resultado foi a Igreja da Consolação, onde consegui uma graça muito grande. Hoje não vou a nenhuma delas e rezo em casa mesmo.

Só os filhos mais velhos têm algum estudo, os últimos são analfabetos, pois Oswaldina há três anos não consegue vaga nas duas escolas do morro.

uma cama e no último há mais camas, algumas gaiolas e um radiozinho berrando uma canção de Roberto Carlos.

— Bonita, não é? Diz Carlinda muito simpática, e seu sorriso de poucos dentes.

A outra filha, Angela Maria da Silva, mora, como a mãe, há 20 anos no morro. Agora ela está casada e vive em outro barraco com o marido e dois filhos muito pequenos. O terceiro está a caminho.

Ela é analfabeta e quando solteira trabalhava como doméstica, mas agora seu marido não a deixa trabalhar, porque sua obrigação é tomar conta da casa e dos filhos — com o que ela está de pleno acordo. Angela Maria gostaria de ter tantos filhos quanto sua mãe, porém seu marido ganha pouco na oficina onde trabalha e por causa da vida difícil só quer ter seis. As duas crianças ainda não são registradas, e ela tem esperanças de que eles poderão ir para a escola quando chegar o tempo:

— Sou católica e aí de mim se não fosse Deus. Sei que há uma igreja que ajuda muito os pobres com roupa e

baleados e conseguiram fugir da polícia. Meu neto estava completamente bêbado, foi apanhado dormindo e responsabilizado pelo assalto.

Esse não é o primeiro envolvimento do rapaz com a polícia, e Hilda lamenta morar naquele morro, onde "só dá bandido". Ela tem medo que os outros netos sigam o exemplo do irmão:

— A polícia vem aqui quase toda noite e há muito tiroteio. Aquele barraco, (ela aponta para a casa ao lado) foi metralhado quase meia hora pela polícia, para prender um assaltante que se escondeu lá dentro. Mas isso aqui não é novidade, acontece toda hora.

Seus problemas não ficam por aí. A filha, mãe das crianças, não consegue emprego e faz uns biscates, mas o dinheiro não dá para sustentar todo aquele pessoal. Seu marido é asmático e não trabalha. Um dos filhos casados às vezes dá algum dinheirinho para ajudar. O barraco é um dos poucos que não tem água encanada, porque ela não tem recursos para pagar a ligação. É a vizinha que fornece a água que ela precisa e a todo momento Hilda interrompe a

Sua mulher diz que todos no morro correm dele, e vez por outra alguém perde a paciência e lhe dá uns "trancos". Tem uma cicatriz recente no pé, de um tiro que recebeu por suas "inconveniências".

Controle da natalidade é outro sério problema da favela e raros são os filhos desejados. Assim tem sido com Cirilene da Vitória, uma moça bonita, solteira, com apenas 23 anos, mas que já tem dois filhos e está esperando o terceiro para esses dias. O vestido ganho está apertado e não dá para cobrir a enorme barriga feita com a ajuda de um pai que ela nem sabe quem é.

Quando "desembaraçada", trabalha como doméstica, as crianças ficam com uma colega durante o dia, e ela arranja "um dinheirinho para a comida das crianças". Os filhos foram acidentais, apesar de já ter feito uso de pílulas, mas o remédio rez mal e ela acabou ficando grávida novamente. Seu sonho é fazer uma ligadura de trompas, o que ela sabe ser impossível com o pequeno ordenado que ganha.

A19962

uracados, por onde escorrem lixo, fezes e urina. Para quem vem de fora, além da visão desalentadora, o mau cheiro é quase insuportável nos primeiros momentos. Lá não há qualquer tipo de saneamento e, ironicamente, acompanhando esses caminhos tortuosos sobem as redes de energia e água até os mais altos pontos do morro, levando algum conforto a essa população miserável, mas cujas contas, como disseram mais tarde, são tão difíceis de pagar.

Apesar de feio e sujo, São Benedito não é um lugar "esquecido do mundo", porque já faz parte do cotidiano das notícias policiais. A troca de tiros é rotina, porém os bandidos não se escondem na favela. Eles moram lá desde pequenos, conhecem como a palma da mão cada beco, cada esconderijo, cada atalho, e é difícil para a polícia os pegar. Foi assim com o perigoso Edmilson, que uma centena de vezes enganou os policiais com sua agilidade de gato e a ajuda de grande parte dos moradores, para os quais o assaltante é "um herói". Ele socorre os necessitados, e naquelas difíceis condições de sobrevivência, os valores são outros e "quem ajuda é bom".

Apesar da má fama da favela, os moradores de São Benedito não são hostis aos visitantes e a recepção nos barracos é educada e começa sempre com a mesma frase: "Não repare a bagunça, é casa de pobre".

TRISTE RELATO

Assim foi no barraco de Dejaime Azevedo e sua mulher Oswaldina, que dividem com mais sete filhos dois pequenos cômodos. No primeiro, duas camas, mesa e cadeira; o outro, muitas tralhas e alguns colchões onde só podem dormir as crianças, pois o assoalho é fraco e dona Oswaldina tem medo até de pisar. O fogão é de lenha e fica do lado de fora.

Dejaime tem 53 anos e é débil mental, mas conta com detalhes a história da última chuva no morro, que atingiu o seu barraco construído na pirambeira:

— Acordei de madrugada com o barulho da água varrendo a casa e levado tudo pra fora. Chamei a mulher e as crianças e quando acabamos de sair, a chuva aumentou a força e carregou o barraco embora.

Ele era pedreiro e, apesar de doente, comprou tábuas de segunda mão e refez a casa a seu modo, cheia de frestas, tábuas soltas no chão e telhado de sobras de material.

Oswaldina é o estio da família. Seu marido, aposentado há seis anos, recebe algum dinheiro do INPS, e para comprar a madeira do barraco a família passou fome, porque o que ele ganha da aposentadoria, mais o dinheiro da lavagem de roupa, é muito pouco. No barraco só estavam ela, o marido e o filho menor de seis anos. Os outros, de 8 a 16 anos, saem diariamente atrás de comida e roupa velha.

— As crianças saíram cedo, diz Oswaldina, e foram para o Restaurante Minuano, onde aproveitam os restos dos pratos que são jogados fora. As vezes até dá para trazer um pouco para casa, mas

— Deus é uma criatura maravilhosa e sem ele o mundo já teria se acabado. Já frequentei Centro Espírita, Igreja Evangélica e Católica e a única que deu algum resultado foi a Igreja da Consolação, onde consegui uma graça muito grande. Hoje não vou a nenhuma delas e rezo em casa mesmo.

Só os filhos mais velhos têm algum estudo, os últimos são analfabetos, pois Oswaldina há três anos não consegue vaga nas duas escolas do morro.

— Todo mundo diz que aqui há muito perigo, mas eu nunca fui incomodada pela polícia. As vezes há tiroteio no morro, mas penso que é coisa normal, pois há



Nesse barraco de dois cômodos vivem seu Djaime com sua mulher e os sete filhos que procuram comida nas portas dos restaurantes

horas em que a polícia tem que atirar mesmo. No meu barraco ela nunca entrou, porque aqui não há ladrão.

Acha também que a mudança da política no ano passado "apertou" um pouco para o lado dela, pois antes o marido ganhava menos e a família tinha mais coisas, agora sua aposentadoria é maior e o dinheiro não dá para nada, porque tudo esta muito caro.

— Quem é o culpado dessa situação de pobreza? A culpa é minha, que tive a infelicidade de nascer pobre, conclui.

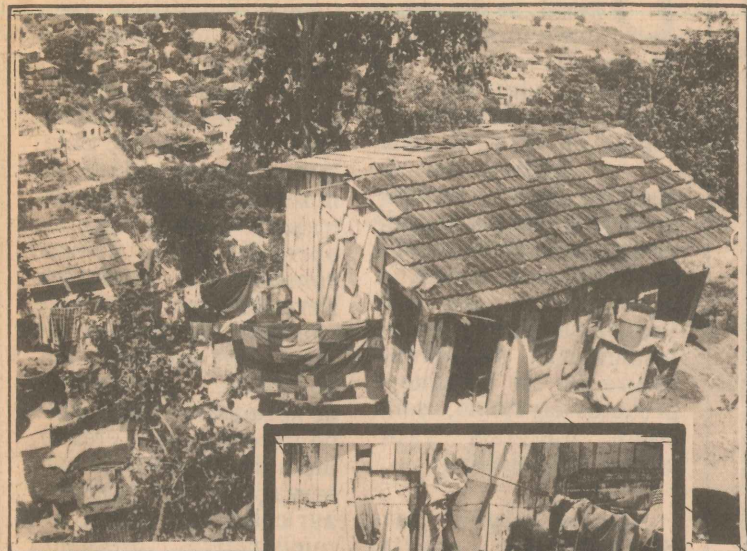
MORADORA ANTIGA

O barraco de Carlinda Lopes Ferreira, uma mulher idosa, abandonada pelo marido há doze anos, fica mais acima. Ela teve treze filhos, só nove são vivos e quase todos casados. Vive atualmente com uma filha débil mental (que já foi interna do Adauto Botelho) e dois filhos homens: um com 25 e outro com 16 anos. Apesar da idade ainda trabalha de faxineira em casa das "madames", mas nem sempre recebe dinheiro por seu trabalho. Um pouco de comida e às vezes uma roupa velha. Seu filho é que leva algum dinheiro para casa, porém agora ele está desempregado e faz alguns biscates.

Carlinda toma conta de dois netos pequenos para a filha casada que trabalha fora e mora perto de sua casa. Esses ficam pulando nos colchões que ocupam todo o cômodo e onde está deitada a filha doente mental. Há mais dois cômodos: o primeiro é sala, cozinha e tem também

de pleno acordo. Angela Maria gostaria de ter tantos filhos quanto sua mãe, porém seu marido ganha pouco na oficina onde trabalha e por causa da vida difícil só quer ter seis. As duas crianças ainda não são registradas, e ela tem esperanças de que eles poderão ir para a escola quando chegar o tempo:

— Sou católica e ai de mim se não fosse Deus. Sei que há uma igreja que ajuda muito os pobres com roupa e comida, mas eu prefiro ficar com os meus santos mesmo. O que meu marido recebe dá para comer, mas roupa e remédio é só quando ganha.



Nesse casebre pequeno moram velhos, adultos, crianças e um débil mental. A água é fornecida pelos vizinhos, porque não há dinheiro para a ligação.

Suas idéias políticas são muito confusas, pois acha que as coisas estão caras porque o governo é novo. "Com o tempo eles vão aprendendo e as coisas melhoram. Já no outro governo as coisas não andavam boas: Isso de governo não me interessa muito porque sou pobre e ninguém pode fazer nada por mim", diz ela.

MARGINALIDADE

Apesar da má fama da favela, na parte mais alta os moradores dizem que ninguém os incomoda. Nem a polícia, nem os assaltantes, e que podem andar à noite pelas ruas que não há perigo. Porém, com João e Hilda a realidade é bem diferente. Eles moram na zona mais brava da favela, com um filho adulto que é débil mental e uma filha separada do marido, com cinco crianças. O mais velho tem 16 anos e está preso há dois dias na Superintendência de Polícia, acusado de assalto. Hilda conta:

Meu neto trabalhou oito meses numa obra em Camburi, mas foi desencaminhado por maus elementos do morro. Ele largou o trabalho e se meteu em assaltos com dois companheiros, que forneceram o revólver. Saíram armados e quando voltaram, dois deles estavam

Seus problemas não ficam por aí. A filha, mãe das crianças, não consegue emprego e faz uns biscates, mas o dinheiro não dá para sustentar todo aquele pessoal. Seu marido é asmático e não trabalha. Um dos filhos casados às vezes dá algum dinheiro para ajudar. O barraco é um dos poucos que não tem água encanada, porque ela não tem recursos para pagar a ligação. É a vizinha que fornece a água que ela precisa e a todo momento Hilda interrompe a conversa para ralar com os netos que vão ao filtro com o copinho. Água ali é coisa valiosa.

— Quando arrumo algum dinheiro



Hilda, com 66 anos, tem um filho débil mental, um neto marginal e muitas bocas para alimentar, com o pouco dinheiro que a filha ganha com biscates

compro comida que dá para todo mundo, quando ela é pouca, as crianças têm preferência, porque precisam mais e choram muito quando estão com fome.

Hilda é católica e tem muita fé em Deus de que poderá um dia deixar o morro e criar os seus netos longe da violência que lá existe.

INSANIDADE

Sífilis, alcoolismo, insuficiência alimentar, fortes pressões sociais e muitas outras desgraças, fazem de São Benedito um local cheio de doentes mentais. Nos três primeiros barracos há pelo menos uma pessoa com graves problemas dessa ordem. Alguns prostrados, outros como Dejaime, criando ainda mais problemas para a família, pois fica falando bobagens para os que passam.

ela nem sabe quem é.

Quando "desembaraçada", trabalha como doméstica, as crianças ficam com uma colega durante o dia, e ela arranja "um dinheirinho para a comida das crianças". Os filhos foram acidentais, apesar de já ter feito uso de pílulas, mas o remédio fez mal e ela acabou ficando grávida novamente. Seu sonho é fazer uma ligadura de trompas, o que ela sabe ser impossível com o pequeno ordenado que ganha.

Os dois filhinhos de Cirlene são como a maioria das crianças do morro: pelados, barriga enorme e cheia de vermes, sujos, nariz escorrendo e visíveis sinais de problemas respiratórios. Eles se mostram muito curiosos com o gravador, até que um deles pergunta: — Por que esse radiozinho não toca, dona?

CONFORMISMO

A miséria e a violência são elementos tão fortes na vida dos moradores de São Benedito que parece não sobrar espaço para mais nada. Televisão é coisa rara e rádio pouco comum. (O único luxo permitido nesses barracos miseráveis é um fogão a gás de duas bocas). Ninguém lê nada, principalmente jornal, e as notícias se limitam aos acontecimentos do morro ou a algumas novidades que passam de boca em boca. Discussões em moda, como crise econômica e eleições diretas, são coisas que ainda não chegaram àquele mundo, onde ninguém ouviu falar em Delfim Neto, Paulo Maluf, Andreazza ou Brizola. As discussões e divisões do morro são em torno da necessidade de apoiar os bandidos que vivem lá, ou denunciá-los de uma vez à polícia para acabar com as invasões dos barracos e os tiroteios no meio da noite. Muitos sonham "limpar" a favela para viver em paz.

As mulheres parecem já conhecer os métodos anticoncepcionais, porém poucas sabem usá-los adequadamente ou têm dinheiro para comprar as pílulas. As idéias feministas ainda não subiram o morro e lá em cima quem manda é o homem, a quem compete decidir se a mulher vai trabalhar ou passar fome junto com ele. Mas a superioridade não torna a sua vida menos difícil, pois ele é responsável pelo sustento da família e raros são os que têm emprego fixo. O jeito são os biscates ou mesmo a malandragem.

Os adultos mais velhos estão muito conformados com a situação de pobre. Não se mostram revoltados nem com Deus nem com a sociedade: "É a vontade de Deus", "Ninguém tem culpa dos termos nascido pobres", "Há sempre gente boa que nos dá sobra de comida ou alguma roupa velha", são frase frequentes no meio da conversa.

Mas sem mudanças, será que aquelas crianças que convivem intimamente com a fome e a violência, hoje sem escola, amanhã sem emprego, continuarão a tradição de conformismo dos mais velhos? Ou irão tomar de qualquer jeito o que a sociedade lhes tem negado?